

Ralf Rickli

TRÓPIS iniciativas sócio-culturais

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: Quem pode ensinar? Quem precisa aprender?

Sinopse da posição postulada na conferência

“Global Learning, weltwärts and beyond”

Bonn, 27-29.03.2009

1. Educação para o Desenvolvimento Sustentável e *Global Learning*

Se *Global Learning* (GL) significar “aprender a viver como cidadãos de um mundo uno”, trata-se então de uma tarefa da maior urgência (para a qual propomos em português o nome Aprendizado Planetário).

Ações de assistência [em situações atroz] também são urgentes por sua própria natureza.

Quando chegamos, porém, à expressão Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) surge toda uma série de questões. Antes de mais nada: isso está sendo proposto por quê?

Suponhamos que os proponentes acreditam que *desenvolvimento* seja o melhor remédio e/ou profilaxia contra fome endêmica, doença, desconforto, possibilidades limitadas de educação e desenvolvimento pessoal em geral – de modo que com o tempo o desenvolvimento tornaria desnecessárias as ações de assistência.

Ninguém jamais questionaria a propriedade de um tal objetivo – nem que ele seja buscado em forma sustentável, pois qual seria o sentido de construir algo insustentável? Seria apenas trabalho jogado fora! Ou seja: sustentabilidade é uma qualidade tão óbvia de qualquer coisa pela qual valha a pena trabalhar, que em um mundo razoável deveria ser desnecessário mencioná-la como qualidade desejável.

Ralf Rickli

TROPIS association for cultural and social development

SUSTAINABLE DEVELOPMENT: Who can teach that? Who needs to learn?

Synopsis of the position postulated at the conference

“Global Learning, weltwärts and beyond”

Bonn, 27-29.03.2009

1. Education for Sustainable Development and Global Learning

If Global Learning (GL) means “learning how to live as citizens of a world that is one”, it is a most urgent task.

Actions for relief are also urgent, on their own nature.

However, when we come to the expression Education for Sustainable Development (ESD) a whole series of questions arise. First of all: why is it being proposed?

Let us assume the proponents believe that *development* is the best remedy and/or prophylaxis for endemic hunger, disease, discomfort, short possibilities for learning and personal development in general – so that in time it could make relief actions unnecessary.

No one would ever question the appropriateness of such aims – nor that they be pursued in a sustainable form, for what would be the point of building anything unsustainable? It would be just wasted work. So, sustainability is such an obvious quality of anything worth working for, that it should be unnecessary, in a reasonable world, to mention it as a desirable quality.

As grandes questões são, portanto: *o que é*, concretamente, essa coisa milagrosa chamada “desenvolvimento”, capaz de resolver tais problemas humanos ancestrais? De que modo o desenvolvimento alcança esses objetivos? E ainda mais importante: ele alcança esses objetivos *de fato*? Existem exemplos positivos disso?

E neste ponto parece que começamos a encontrar problemas: não há dúvida que é possível apontar lindos exemplos em escala local, aqui e ali, mas os únicos exemplos de “desenvolvimento” *estatisticamente significativos* são as sociedades modernas conhecidas como “ocidentais” ou (mais recentemente) “do Norte”: essas são a única coisa que temos como referência para entender o que a palavra “desenvolvido” possa significar. Só que, infelizmente... em nenhum momento seu desenvolvimento foi nada que possa ser chamado “sustentável”.

Antes de mais nada, esse desenvolvimento jamais foi *ecologicamente* sustentável: se por um lado é verdade que somente nas últimas décadas a pegada deixada pelo conjunto da humanidade se tornou maior que o planeta, por outro é preciso reconhecer que estivemos a caminho disso pelo menos desde os primórdios da revolução industrial. Todo passo de *desenvolvimento* que a Europa, EUA e outros “países desenvolvidos” tenham dado foi um passo em direção ao atual desastre ecológico planetário.

Também nos níveis *econômico, social e político* tratou-se o tempo todo de um desenvolvimento problemático. É puro disparate imaginar que o paradigma da competição possa produzir ganhadores sem perdedores, ganho sem perda, riqueza sem pobreza no avesso – e isso é válido tanto em escala global quanto local.

Em termos globais: no ano 1300 as diferenças entre Europa e África eram desprezíveis. A gradual acumulação de riqueza no Norte nos últimos 600 anos jamais teria acontecido sem o simultâneo empobrecimento gradual do Sul; são apenas as duas faces da mesma moeda. E a insustentabilidade do Sul foi o preço, lançado sobre as costas de outros, da *aparente* sustentabilidade do Norte (o que é, a propósito, a questão nuclear de toda a problemática da imigração).

So the great questions are: *what* is, concretely, this miraculous thing “development”, capable of solving such age-old human problems? How does it achieve its aims? And most important: does it *really* achieve those aims? Do we have positive examples?

And here it seems we run into problems: no doubt one can pinpoint beautiful local-level examples here and there, but the only *statistically meaningful* examples of “development” are the so-called “western” or “North” modern societies. They are the only thing we have as reference to understand what “developed” may mean. But unfortunately... their development has never ever been *sustainable!*

First of all, it has never been *ecologically* sustainable: it is true that only in the last decades the general humanity’s footprint became bigger than the planet, but we have been on the way to that since the very beginnings of the industrial revolution, at least. Every *development* step accomplished by Europe, the USA and other “developed countries” has been a step towards the present-day planetary ecological disaster.

It has also been an *economically, socially and politically* problematic development all along. It is plain non-sense to expect that the competition paradigm can produce winners with no losers, gain without loss, richness without poverty on the other side – what works both in the global and in the local scale.

Globally: in 1300, Europe and Africa were not that different. The gradual building up of richness in the North in the last 600 hundred years would have never happened without the simultaneous gradual impoverishment of the South; they are just both sides of the same coin. And the unsustainability of the South was the price, thrown on other people’s backs, of the *apparent* sustainability of the North (and *that* is, by the way, the core question of the whole immigration problem).

Em termos gerais, a própria existência do dinheiro não passa de uma sistematização da relação ganhador-perdedor. O dinheiro não compraria o trabalho de ninguém, não importa o tipo de trabalho, se todos tivessem a mesma quantia nas mãos. A crise atual é sem sombra de dúvida intencional: seu objetivo é restabelecer um grau de pobreza conveniente na sociedade, pois sem isso o dinheiro não garantiria mais nenhum poder. E ao que parece os detentores últimos do poder realmente não se importam a mínima com quanto sofrimento humano surgirá com essa operação, não apenas no Sul mas inclusive nos próprios EUA e Europa.

Podemos dizer: desde o início do projeto capitalista, alguns poucos tiveram sucesso em manter a sociedade *estavelmente em condição instável* em seu próprio benefício – e esse é o único tipo de “sustentabilidade” que o capitalismo já conheceu.

Em resumo: **desenvolvimento ecologicamente sustentável e socialmente justo nunca foi realizado, em nenhum lugar**. E portanto, **quem será capaz de ensinar como alcançá-lo?**

Não consigo, portanto, ver nenhum sentido na expressão Educação para o Desenvolvimento Sustentável – a menos que ela signifique algo bem mais ousado e radical do que parece à primeira vista: a menos que signifique **construirmos juntos um novo projeto para o mundo**, o qual teria necessariamente de ter caráter compensatório/distributivo. E se a palavra “desenvolvimento” ainda lhe é adequada, isso nós podemos resolver mais tarde.

Isto, porém, é mais uma questão política que educacional – a não ser no sentido de que os políticos, administradores públicos e a população em geral precisam passar por intensa CONSCIÊNCIA (para usar o termo clássico de Paulo Freire) quanto a avassaladora urgência global de romper com a ordem atual. Nenhuma educação pela qual a sociedade atual se reproduza será jamais uma Educação para Sustentável Seja-o-Que-For.

Missão impossível? Parece. Para começar: *quem, na ordem atual, estará disposto a pagar o trabalho de professores cujo objetivo seja transformar radicalmente a ordem atual?* E ainda mais difícil: *como convencer pessoas mergulhadas em confortos de que re-pensar o seu modo de vida é melhor também para elas no longo*

In general, the very existence of money is but a systematization of the winner-loser relationship. Money would not buy anyone’s work, no matter what kind of work, if everybody had the same amount. The present crisis is no doubt intentional: it aims at re-establishing a convenient rate of poverty in society; otherwise, money would represent no power anymore. And it seems it really does not matter to the ultimate power owners that so much human suffering is going to come about with that – not only in the South but also in the USA and Europe themselves.

We could well say: since the beginning of the capitalist project, some few have succeeded in keeping society *stably in an unstable condition* in their own benefit – and that is the only kind of “sustainability” capitalism has ever known.

So: **ecologically sustainable and socially fair development were not accomplished anywhere, so far**. Therefore, **who is able to teach how to achieve it?**

So I can see hardly any sense in the expression Education for Sustainable Development – unless it means something far more daring or radical than it suggests at first: **building together a new project for the world**, which would necessarily be a compensatory/distributive one – leaving to decide further on whether the word “development” is still appropriated for that.

That is however more a political question than an educational one – unless in the sense that politicians, public administrators and the general population need to receive intense CONSCIENCIALIZATION (to use the classic Paulo Freire’s word which means “awareness building”) about the overwhelming global need to break with the present-day order. No education through which present-day society reproduces itself – also European society – can ever be an Education for Sustainable Whatever.

Mission impossible? It looks like. To begin with: *who in the present-day order would be willing to pay for the work of teachers who intend to transform radically the present-day order?* And still harder: *how to convince people, in midst of all present comforts, that re-thinking all this way-of-life would be better also for them in*

prazo? Como motivar pessoas a pararem de vender sua própria humanidade por tantos confortos desnecessários?

Será que a crise atual poderia nos ajudar, acendendo a consciência sobre a real natureza do sistema? Talvez. Mas quem de nós está preparado para traduzir o real e perturbador significado desses fatos para grandes quantidades de gente? Pessoas como nós não deram conta de fazê-lo na década de 1920-30, e deixaram espaço para a ascensão de explicações nacionalísticas falsas porém convincentes. *Ainda haverá tempo para descobrirmos quais foram os erros das pessoas conscientes daquela época, para não repeti-los?*

Portanto: um verdadeiro, um autêntico movimento de Aprendizado Planetário (Global Learning) não é tarefa fácil, na realidade atual. Não pode significar menos que voltar à *dimensão utópica ou profética da educação* de que costumávamos falar antes da acomodação dos nossos movimentos um dia contestadores à forma de um “terceiro setor” quem sabe já institucionalizado demais...

Dentro disso tudo, poderíamos dizer que um projeto de Aprendizado Planetário real, radical, será sempre, automaticamente, um projeto de EDS – mas um projeto que pretenda ser EDS sem ser um projeto de radical Aprendizado Planetário será apenas o portador de um nome vazio, não representará de fato nenhuma Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

2. Aprendizado Planetário (*Global Learning*) e serviço voluntário

Os países do “Sul” se encontram em posições extremamente diferenciadas quanto à suas possíveis necessidades de cooperação técnica. O Brasil, por exemplo, é tecnicamente autossuficiente. Se técnicas apropriadas não atingem algum lugar, trata-se de um problema político e/ou econômico interno, não de uma falta de possibilidades técnicas.

the long run? How to motivate people to stop selling their own humanity for so many unnecessary comforts?

Could the present crisis help to wake people up, bringing about consciousness about the real nature of the system? Perhaps – but who of us is prepared to translate convincingly the real and disturbing meaning of such facts to wide numbers of people? People like us were not able to do it in the 1920-30 decade, and left space for the rise of untrue but convincing nationalistic explanations. *Is there still time to discover what the conscious people’s mistakes were at that time, in order not to repeat them?*

So, a real, authentic Global Learning movement is no light a challenge in today’s reality. It cannot but mean coming back to a *utopian or prophetic dimension of education* we once talked about, prior to accommodation of our once contesting movements as a perhaps too institutionalised “third sector”.

Within that, we could say that a real, radical Global Learning project will be automatically an ESD project – but an intended ESD project that is not a radical Global Learning project will only be the carrier of an empty name, will not at all represent any a real Education for Sustainable Development.

2. Global Learning and voluntary services

South countries are in extremely diverse positions regarding their possible need for technical cooperation. Brazil, e.g., is technically self-sufficient; if appropriate techniques do not reach any a place, this is an internal political and/or economic problem, not a lack of technical possibilities.

Há, é claro, países que ainda podem se beneficiar com cooperação técnica externa. Mesmo nesse caso, ousar sugerir que na maioria dos níveis seria mais saudável que isso se desse como cooperação Sul-Sul – exceto quanto ao financiamento: por razões históricas, é justo que o Norte ajude a financiar a melhoria da vida no Sul sem extrair disso nenhum lucro senão o moral.

Não falo de excluir toda e qualquer cooperação técnica direta entre Norte e Sul, sobretudo a que envolva voluntariado. Há um tipo de gente que seria bem-vinda para esse fim: profissionais experientes, e isso para funções específicas dentro de projetos. Não os seus jovens aprendizes, a não ser trabalhando junto com os primeiros e sob sua orientação.

Mas tampouco quero dizer que a Europa devesse deixar de enviar seus jovens ao Sul! Pelo contrário: pagar a seus jovens para que passem algum tempo em países mais pobres é uma das melhores coisas que os países europeus podem fazer pelo mundo! Só precisamos ter clareza de *para quê*: não para ensinar, não para salvar e nem mesmo ajudar os nativos, mas sim para ganharem a experiência da vida real de outros povos; para terem a experiência de viverem juntos, em situações reais, não em *resorts* nem em albergues. É claro que isso precisa envolver um certo grau de cooperação, de *trabalharem juntos* – mas repito: não para ensinar, não para ajudar, e sim pela experiência do convívio.

Por quê? Porque se um número suficiente de pessoas do Norte aprender a reconhecer e a respeitar a plena humanidade das pessoas de outros povos, está aí algo que realmente pode mudar o mundo. Isso realmente merece o nome de Global Learning ou de Aprendizado Planetário – e talvez seja a mais significativa de todas as coisas que pessoas dos países do Norte possam fazer pela sustentabilidade global.

Sobre o autor:
<http://ralf.r.tropis.org>

Veja também as recomendações finais da Conferência em
www.tropis.org/biblioteca/bonn2009ngo-declaration.pdf

Of course, there are countries that may still benefit from external technical cooperation. I dare to suggest, however, that it would be healthier that this comes by means of South-South cooperation in most levels – but for financing: for historical reasons, it is fair that the North helps financing the improvement of life in the South, without profiting from it but morally.

I do not mean to exclude all direct North-South technical cooperation in a voluntary basis. One kind of people might be welcome *for that*: experienced professionals, in specific project tasks. Not their young apprentices, unless when working together with the former, under their guidance.

But I also do not mean Europe should stop sending their young people to the South! On the contrary: paying their young people to spend some time in poorer countries is one of the best things European countries can do for the world! We just have to be clear *what for*: not for teaching; not to save or even to help the natives; but rather to experience the real life of other peoples; to experience to live together, in real situations, not in resorts or hostels. Of course this should involve a certain degree of cooperation, of working together – but again: not to teach, not to help: for the experience of togetherness.

Why? Because if a sufficient number of North people learn to recognise and respect other peoples' full humanity, that is indeed something that can change the world. That does deserve the name Global Learning – and it is perhaps the most significant thing the people in the North countries can do for global sustainability.

About the author:
<http://ralf.r.tropis.org/ind-eng.html>

See also the Conference's final recommendations at
www.tropis.org/biblioteca/bonn2009ngo-declaration.pdf